

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

10 de Junho de 1910

Composto e impresso na Typ. do Ateneu Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1132

O CONGRESSO NACIONAL

(Vid. Chronica Occidental)

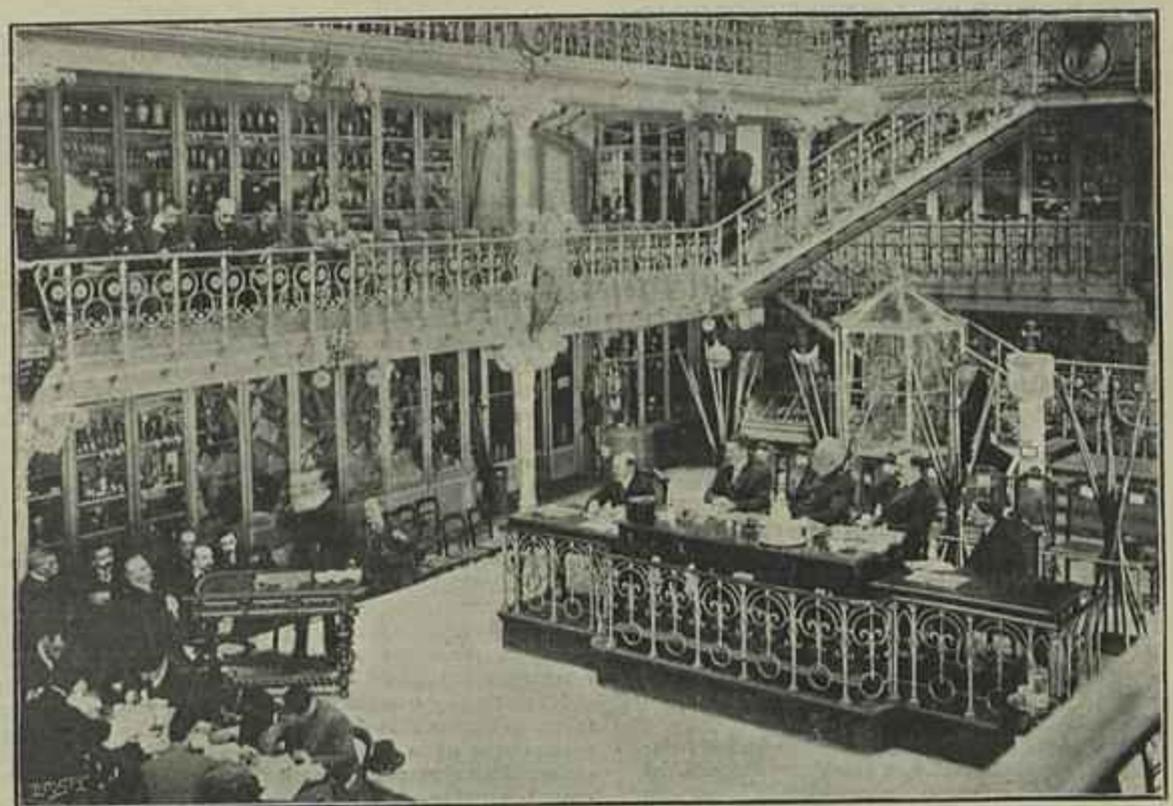
CHRONICA OCCIDENTAL

Se as paredes da casa da Sociedade de Geografia tivessem ouvidos, quantas palavras vans haviam de ouvir!

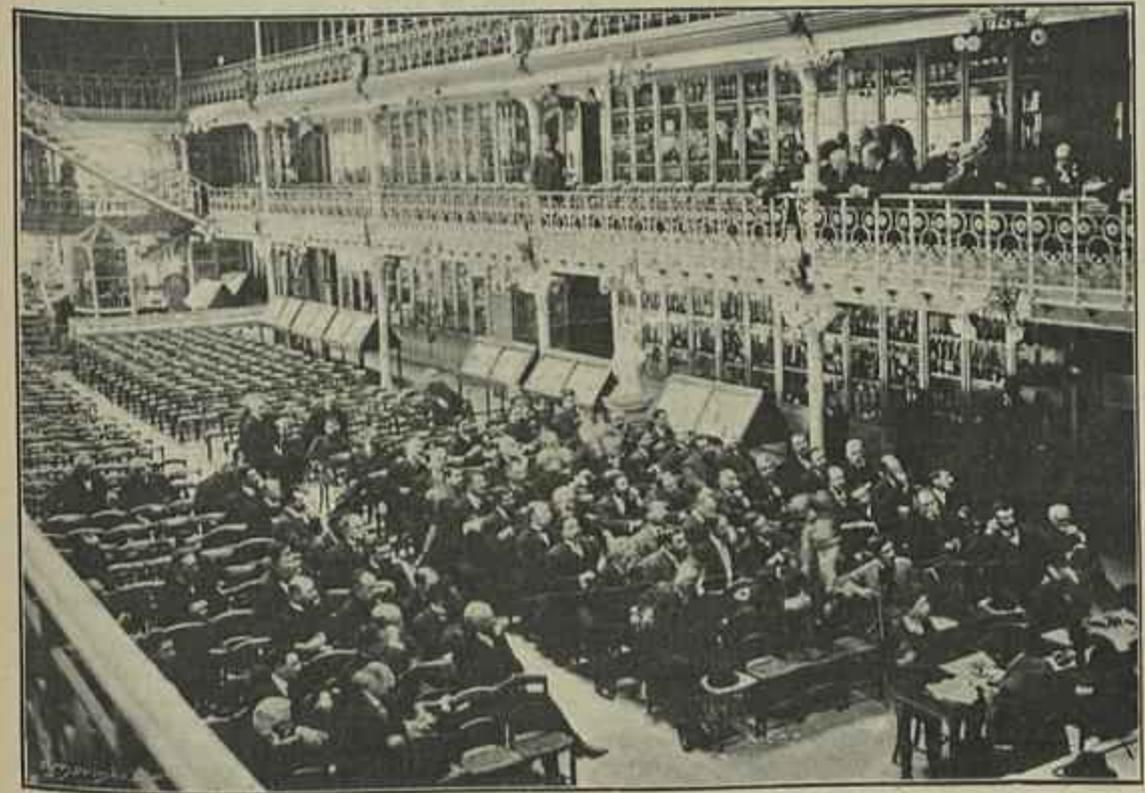
Mais um congresso, dos muitos que ali se têm realizado, se encerrou agora. D'esta vez foi o Congresso Nacional, preparado de longa data com o proposito de reunir uma vez debaixo do mesmo tecto as mais diversas das nossas capacidades intellectuales, que tão raro se juntam e mais raro ainda se entendem umas com as outras.

Quizeram algumas pessoas de boa fé demonstrar como a disciplina da intelligencia, levando-nos ao conhecimento concreto dos fenomenos sociais e das suas leis, e a orientação moral á consciencia do nosso logar na época actual, produzem o amor ao trabalho e a vontade de ser util. E para isso organizaram o congresso em questão, incumbindo-o de procurar um amplo criterio scientifico e racional, que, pondo de parte idealisações ousadas e preconceitos sonhadores, fôsse facilmente applicavel a alguns dos muitos problemas que estão esperando em Portugal uma resolução satisfatoria.

Todos estavamos de accordo (e continuamos a estar) neste ponto fortemente incontra-verso: que as coisas portuguezas estão passando um mau bocado, caracterizado por uma grande indisciplina mental e uma profunda indecisão activa. Andava na bôca de



A PRESIDENCIA



A ASSEMBLEIA

todos (e continúa a andar) a afirmação do nosso lastimoso estado de atrazo, alheio o paiz a toda a marcha progressiva das sociedades, como que tendo-se sempre em vista atrofiar as energias nacionaes para conseguir o desideratum supremo da apathia geral perante os fenomenos politicos, e absolutamente alheia por incompetencia aos fenomenos scientificos.

Viviamos (e continuamos a viver) numa crise mental extraordinaria, cujo principal symptoma é isto de ninguem saber para onde quer ir, mas onde todos querem ter opinião. E este estado de animos ia (e vae) da politica até á arte, tocando em todos os pontos da vida social.

Chamava-se já (e continúa a chamar-se) a tanta desgraça junta, bancarrôta mental e bancarrôta moral, e tudo era pedir que se juntassem pelo trabalho as energias dispersas, e que entrassemos num periodo de decisão ponderada e de trabalho proficuo.

E reinava (como continúa a reinar) um profundo desalento, porque os factos, insuperaveis na sua força, não nos diziam, nem dizem outra coisa que não fôsse ou não seja — a descrença.

Pensou-se então em congregar todas as actividades de alguma significação social, para vêr se seria possivel conjurar o mal. E organizou-se esse Congresso, em que vimos fazer-se um verdadeiro esbanjamento de forças intellectuales.

Tudo quanto havia de melhor nos dominios da intelligencia portuguezá respondeu á chamada, todos fôram dizer o que tinham para dizer. As sessões duraram uns poucos de dias, de manhan e á tarde, até ao pôr do sol, as

theses succederam-se vertiginosamente na fita da discussão, o palavriado foi profuso, vigoroso e acalorado.

Questões militares e questões paisanas, desde as que respeitam á defeza nacional pela força armada até ás que se relacionam com a alimentação e a hygiene do domicilio, desde os problemas do ensino até ás controversias do divorcio, desde o busilis colonial até ás bolsas de estudo, desde os tratados de commercio até aos assumptos de theatro, etc., etc., tudo foi sacudido, ventilado e assoprado.

Como muito bem disse o illustre presidente Consiglieri Pedroso, realisou-se um congresso em que tiveram a palavra desde o Chefe do Estado até ao mais modesto operario. Houve discussão vasta entre individuos que advogaram interesses os mais oppostos; e, apesar d'isto, todos se portaram de fórma que, durante tantas sessões, nunca foi preciso chamar qualquer orador á ordem. Foi, numa palavra, um congresso de gente bem-creada, tão bem-creada, que começou por estabelecer que de tudo se poderia tratar — menos de politica!

Cento e tantos votos vimos por fim approvados, e quem os approvou fóram homens de convicções e escolas diversissimas. Em resumo, as conclusões a que se chegou fóram as seguintes, na sua redacção textual:

«O Congresso proclama, com energia, que a solução de todos os problemas nacionaes deve ser subordinada a um plano de conjuncto, em cuja execução se prosiga com inalteravel espirito de sequencia.

O Congresso entende que se devem descentralisar os serviços publicos e crear os ministerios que sejam necesarios á conveniente organização d'aquelles serviços.

O Congresso afirma que, em quaesquer circumstancias, deve o Estado facilitar e auxiliartodas as iniciativas que possam eficazmente concorrer para o engrandecimento nacional.

O Congresso appela para o patriotismo de todos, governantes e governados, para que se inicie, sem demora, a grande obra nacional que por estes votos se define.

E, por ultimo, o Congresso resolve manter, com caracter permanente, a sua organização inicial.»

Toda a gente que assistiu ás sessões na Sociedade de Geografia, ou que d'ellas teve conhecimento pelos largos *compte-rendus* que fizeram os jornaes, ficou persuadida de que, ponderadas as circumstancias em que se encontra o paiz, sem demora deve iniciar se uma vasta obra de reorganização economica e social, a qual integre a nacionalidade portugueza no movimento das idéas modernas, e a conduza ao caminho de um real engrandecimento.

Mas, bom Deus! antes que de tão lindas palavras se passe aos factos, e antes que esses factos obedeçam a um plano de equilibrada sequencia na sua realização pratica, quantos annos hão-de decorrer ainda, quantos netos nossos hão de ainda ouvir e fazer côro com as mesmas queixas que são as nossas de hoje, quantos congressos da indole d'este hão-de reunir-se ainda, chegando ás mesmas ou parecidas conclusões, sem todavia adeantarem nem um passo em caminho melhor para um melhor estado de coisas!

JOÃO PRUDENCIO.

Manhã

Se se esconde o luar nos cerros do poente,
E as estrellas não brillam p'ra gular a gente
Que vai pelos caminhos, no lidar da vida,
Em busca do sustento p'ra a grei estremecida,
E' tudo um só obstaculo; o passo é mal seguro,
Por sobre incertezas aguas ou cascalho duro,
Aos encontrões a tudo, n'um ancelio immenso
De ver, alim, o termo ao seu caminho extenso.
Parece-lhe dobrado; exora, pede a Deus
Se lembre de que é pai dos pobres filhos seus.
— Tanta boquitta aberta que lhe pede pão
E sem que lhe perguntem se elle o tem ou não!

E mal clareia o oriente, a leves pinceladas
De immaterial viveza, tão bem combinadas,
Distendem-se as pupilas e o azul dos montes
Começa a distinguir-se ao fim dos horizontes,
As timidias estrellas já empallidecem,
— Rendidas sentinelas — á luz adormecem.
Já vai por toda a parte um segredar de vozes,
Rumôr d'azas que fogem, a correr, velozes,

Saudando a luz do sol, fugindo para os ninhos,
Cantando de olmo em olmo, á beira dos caminhos,
Descobrem-se os casaes e surgem as cidades
De porticos altivos. Olham-se as herdades
Onde de novo a vida torna a começar,
Onde se lançam braços p'ra o pão não faltar,
Onde as lindas canções ressoam outra vez
Como um hymno de esp'rança e que a cap'ança fez.
Todas já vão fugindo, em louca debandada,
As sombras dos caminhos, porque a madrugada
Abriu os scintillantes e divinos olhos
Por onde o sol caiu a deixar os abrolhos
E a accender as pupilas das gentis ceifeiras.
Banhando-se na luz, a folha das figueiras
Scintilla e reverbera, em delirios de festa,
E á terra a sombra dá para o reponso da sesta.
Quando o sol no zenith alagar as campinas,
E as bugas de suor, em refrangencias finas,
Inundarem a testa dos que ali moirejem,
Será o condimento que melhor desejem
Ao pão endurecido, a sombra das figueiras
Que abriguem um theatro — os olhos das ceifeiras.

(Do livro inédito *Auroras*.)

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

Os funeraes de Eduardo VII

Completamos hoje a descrição dos funeraes de Eduardo VII, encetada no numero anterior.

Durante os tres dias, que a urna, contendo o corpo de Eduardo VII, esteve exposta ao publico em Westminster Hall, alguns milhões de pessoas perpassaram ante aquella urna, com o respeito e veneração com que tantas vezes acataram seu rei, quando o viam cheio de vida sorrindo-lhe com aquella bondade natural do seu grande coração.

Toda a fleugma que caracteriza o povo inglês, imperturbavel e superior a sentimentalismos, ce-deu perante a morte do chefe da sua nação, que a soube engrandecer, conquistando em cada inglês o direito á gratidão e ás sentidas homenagens que ora prestaram á sua memoria.

Não podia ser mais profundo esse sentimento unanime manifestado na grande cidade londrina, cuja população se cobriu toda de luto, em cada individuo, em cada casa, estabelecimentos de commercio, carruagens, omnibos, carroças, em todos e em tudo sinais de luto, que se harmonisa com a tristeza que se observa em todas as caras, com o recolhimento de todos os gestos.

E' profundo o silencio na população tão agitada nos outros dias do seu movimento ordinario, e para que nada quebre esse silencio, cubriram de serradura as praças e ruas por onde passa o cortejo funebre, para assim se abafar toda a bulha que os vehiculos e pés possam produzir.

Nesta recolhida attitude toda a população de Londres se arregimentou, para assim dizer, em uma linha de mais de seis mil metros e se dirigiu a Westminster Hall a dizer o ultimo adeus ao seu grande rei, que tanto dominou na Inglaterra como no mundo pela sua sabia politica inspirada no amor da paz.

Assim decorreu tres dias até chegar aquelle em que o corpo de Eduardo VII fazia a sua ultima passagem pelas ruas de Londres até á estação de Paddington e dall a repousar na cripta de Windsor.

O cortejo funebre, sahindo de Westminster, pelas 10 horas da manhã, percorreria a rua do Parlamento, Whitehall, a parada de Horse-Guards, Mall, Marlborough, rua James, Picadilly, Hyde-Park, avenida de Hyde-Park, Marble Arch, avenida Sogurdo, Oxford e Terraço de Cambridge, rua de Londres, rua Praed até á estação de Paddington, devendo chegar a Windsor, depois do meio dia.

Por todo este grande trajecto a população de Londres se accumulou, no grande desejo de prestar a sua ultima homenagem a Eduardo VII, mais movida por um sentimento de respeito e verdadeira veneração, do que por frivola curiosidade, que não está, em geral, nos habitos do povo inglês e muito menos nesta occasião em que o bom inglês considerava um dever a que não podia faltar, o assistir áquelle acto solemne.

Os que tinham logar no funebre cortejo, lá foram, os que o não tinham, não se dispensaram de comparecer, cada qual na sua categoria, desde aquelles que disputaram janellas a centenas de libras, para assistirem á passagem do cortejo, até aos mais modestos que se contentaram com logares nos palanques armados, e o geral do povo, que a pé firme estacionou pelas ruas desde o

romper do dia, para ter logar nas primeiras filas, com uma paciencia inalteravel, durante cerca de oito horas de quietação e de silencio.

A' hora exacta marcada no programa, chegava a Westminster Halle o rei Jorge V, fardado de generalissimo e com elle os monarchas das nações da Europa que deste modo se representavam.

Vinham todos a cavallo.

O duque de Norfolk, encarregado de dirigir o ceremonial do cortejo, deu a seguinte disposição aos representantes das potencias, seguindo a ordem de antigidade dos soberanos estrangeiros, para evitar quaesquer suscetibilidades.

Esquerda — Sua Alteza Real o Duque de Connaught (irmão de Eduardo VII); Sua Magestade o Rei da Noruega; Sua Magestade o Rei da Bulgaria; Sua Alteza Imperial o Principe Furschini; His Royal Highness Principe Rupprecht da Bavaria; His Royal Highness Principe Henry de Netherlands; His Royal Highness Principe Henry da Prussia; His Royal Highness Principe Georg de Saxonia; His Highness Principe Mohammed Ali do Egipto; His Highness Principe Albert de Schleswig-Holstein; Duque de Fife; His Serene Highness Principe Alexandre de Teck; His Grand Ducal Highness Principe Maximilian de Baden; His Royal Highness Principe Philippe de Saxe-Coburg; His Royal Highness o herpeiro Gran Duque de Mecklenburg-Strelitz; His Royal Highness Principe Pedro d'Orléans; His Royal Highness Principe Boveradej de Siam.

Logares centraes — Rei de Inglaterra; Sua Magestade o Rei da Grecia; Sua Magestade o Rei da Dinamarca; Sua Magestade o Rei dos Belgas; Sua Alteza Imperial o Grã-Duque Miguel Alexandrowitch da Russia; His Royal Highness Duque de Sparta; His Royal Highness Duque Albrecht de Württemberg; His Royal Highness Grand-Duke de Hesse; His Royal Highness Duque de Saxe-Coburg; His Imperial Highness Principe Tsai tsa da China; His Royal Highness Principe Arthur de Connaught; His Royal Highness Principe George de Cumberland; His Serene Highness Duque de Teck; His Royal Highness Principe Andrew da Grecia; His Royal Highness Principe Danilo de Montenegro; His Royal Highness Duque d'Alençon; His Royal Highness Duque de Vendôme; His Highness Principe Leopold Coburg.

Direita — Sua Magestade Imperial o Imperador da Alemanha; Sua Magestade o Rei de Espanha; Sua Magestade o Rei de Portugal; Sua Alteza Imperial o Archiduque Francisco de Austria; Sua Alteza Real o Duque de Aosta representante do Rei de Italia; His Royal Highness Crown Principe da Romania; His Royal Highness herdeiro do Principe da Servia; His Royal Highness Gran Duque de Mecklenburg-Strelitz; His Serene Highness Reigning Principe de Waldeck Pyrmont; His Royal Highness Principe Charles de Sweden; His Royal Highness Principe Christian de Schleswing Holstein; His Highness Principe Alexander de Battenberg; His Serene Highness Principe Francisco de Teck; His Imperial Highness Gran Duque Michael Mikhailovich; His Royal Highness Principe Christopher da Grecia; His Royal Highness Comde d'Eu; His Royal Highness Principe Louis d'Orléans; His Serene Highness Principe Wolrad de Waldeck.

Em carruagens vinham: rainha Alexandra com a imperatriz da Russia; rainha Maria com a rainha da Noruega e o principe herdeiro; representante dos Estados Unidos da America do Norte, Theodoro Roosevelt; de França M. Pichon.

Todos aguardaram a sahida do feretro de Westminster. Fóra organisava-se a testa do cortejo em que se encorporou todo o generalato e almirantado; as forças militares de terra e mar, incluindo o corpo colonial; corpos de voluntarios, escossezes de Seaporth, de Jeomanry, de Norfolk; ministerio da guerra e administração militar; guardas reaes. Os grandes de Inglaterra, que todos teem seu nome inscrito na historia dos ultimos tempos, por seus feitos, por sua fidalguia, ou por sua grande riqueza.

Tudo isto constituia um espectáculo maravilhoso, de uniformes reluzentes de ouro, de condecorações brillhantes de pedrarias, de plumas, de bastões, insignias, tudo a flamejar aos raios do sol de um dia estival, como poucos se contam em Londres.

Dos portões de ferro de Westminster, sahe, enfim, a carrêta que conduz o corpo de Eduardo VII; vem coberta pela bandeira da patria e sobre ella repousam as insignias reaes, a corôa, o sceptro. Ladeiam-na os ajudantes de campo de Eduardo VII. E' tirada por quatro finissimas parrelhas de cavalos ingleses.

Segue a carrêta o almirante principe de Battenberg, o comandante e officiaes da escolta, um

oficial de cavalaria leva o estandarte, um escosês conduz, preso por um cordão, o *boulog* estimado de Eduardo VII.

Em seguida desfilam, nos seus cavalos, S. M. o Rei Jorge V com o duque de Connaught e depois seguem-se os representantes das potencias pela ordem acima indicada e que se vê em a nossa gravura.

Assim atravessou o cortejo as ruas de Londres, entre as alas respeitadas do grande publico, numa notavel compostura, conscio do solemne acto a que assiste.

O mesmo em Windsor, onde são agora os marinheiros que conduzem a carrêta e assim entra no castelo monumental, que os reis de Inglaterra, desde Guilherme, o *Conquistador*, teem successivamente enriquecido com obras de arte.

Ali vac repousar, enfim, Eduardo VII, ao lado de Henrique VI; Eduardo IV, Carlos I, Jorge III e IV, Guilherme IV, Rainha Victoria, cujo mausoleu representa uma extraordinaria obra, que

A urna funeraria é conduzida sobre os hombros de doze possantes granadeiros. Seguem na os reis e príncipes; as rainhas cobertas de crepes.

A capela está cheia, ocupando os circunstantes os logares que lhe são designados. Fazem-se os ultimos officios religiosos e o corpo de Eduard VII, vac descer á cripta com as benções e pungentes saudades do seu povo.

Feliz reinado e sentidissima morte do Rei da Paz.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

E' extremamente curiosa a phisionomia d'este José d'Abreu e Campos, que desempenhando as graves funcções de juiz do povo de Lisboa du-

Ao Senhor José de Abreu Campos, muito honrado Juiz do Povo da Cidade de Lisboa, etc., etc.

Publicar este papel e dedicarlo a V. M., parece á primeira vista a maior e mais temeraria ousadia que se pôde imaginar; pois nada menos he que achar-me com o furto nas mãos, e chegar-me a offerecello, e pedir com elle mercês ao proprio dono, sómente a titulo do mesmo furto. E tal he, Senhor, o que eu pratico, tentando dar á luz o trabalho seu, e sem ordem sua, e ainda sem o seu gosto e approvação. Porém, se se ponderarem bem no que faço, as razões que a isso me moverão, em lugar de atrevimento todos lhe chamarão excesso de amor e pela obrigação em que a V. M. está, e bem reconhece esta Nação, effeito de honrado, e generoso agradecimento. Surprehendidos pela tyrannia e ameaçados de barbaro e miserrimo cativo, não teriamos mais senão chorar em vão lastimosamente a nossa des-



S. M. EDUARDO VII EM GRUPO COM A OFIALIDADE DO 3.º REGIMENTO DE CAVALARIA PORTUGUEZ DE QUE ERA CORONEL HONORARIO

tanto vale pela arte como pela fabulosa soma que custou — quatrocentas mil libras — para guardar os restos mortaes da que foi a *Graciosa Magestade de Inglaterra*. Ali estão tambem os restos mortaes do seu esposo.

Na cripta de S. Jorge lá está o mausoleu em que se guardam os restos mortaes do principe Luis Napoleão, morto na guerra dos Zulos em 1879. E' um monumento, este mausoleu, levantado ao unico filho de Napoleão III, que voluntariamente se alistou no exercito inglês e foi jogar a vida numa guerra terrivel, onde a perdeu, e cujos despojos mortaes a rainha Victoria piedosamente quiz guardar na cripta de S. Jorge, como a maior consolação que podia dar ao coração maguado de uma imperatriz destronada e mãe aflita.

Sobre o alvo marmoreo repousa a estatua, em tamanho natural, do desditoso principe, trajando o seu uniforme militar e junto a espada.

Sigamos o cortejo, que entra na capela de S. Jorge, obra monumental de Eduardo IV, o primeiro rei que ali repousou. Povoam-na esculturas dos cavaleiros da Jarreteira, e por toda ella se vê primorosos rendilhados de talha em carvalho que marcam uma época feliz da arte.

rante a occupação de Junot, se atreveu, allaz sob a fórma mais submissa e respeitosa, a mostrar aos dominadores que Portugal era uma nação com direitos que ninguem podia esquecer e deveres a que nenhum cidadão portuguez devia faltar.

Esta patriotica hombridade não contribuiria, n'aquelles momentos calamitosos, para a fortuna do independente juiz que, livre de receios depois do Vimeiro, dá largas aos seus verdadeiros sentimentos na representação enviada ao almirante Coton.

Um admirador e amigo do bom juiz fez imprimir no anno de 1808, os documentos que representam — *Os sentimentos patrioticos do muito honrado Juiz do povo de Lisboa* — os quaes reproduzimos juntamente com o offercimento, dedicatorio, do compilador.

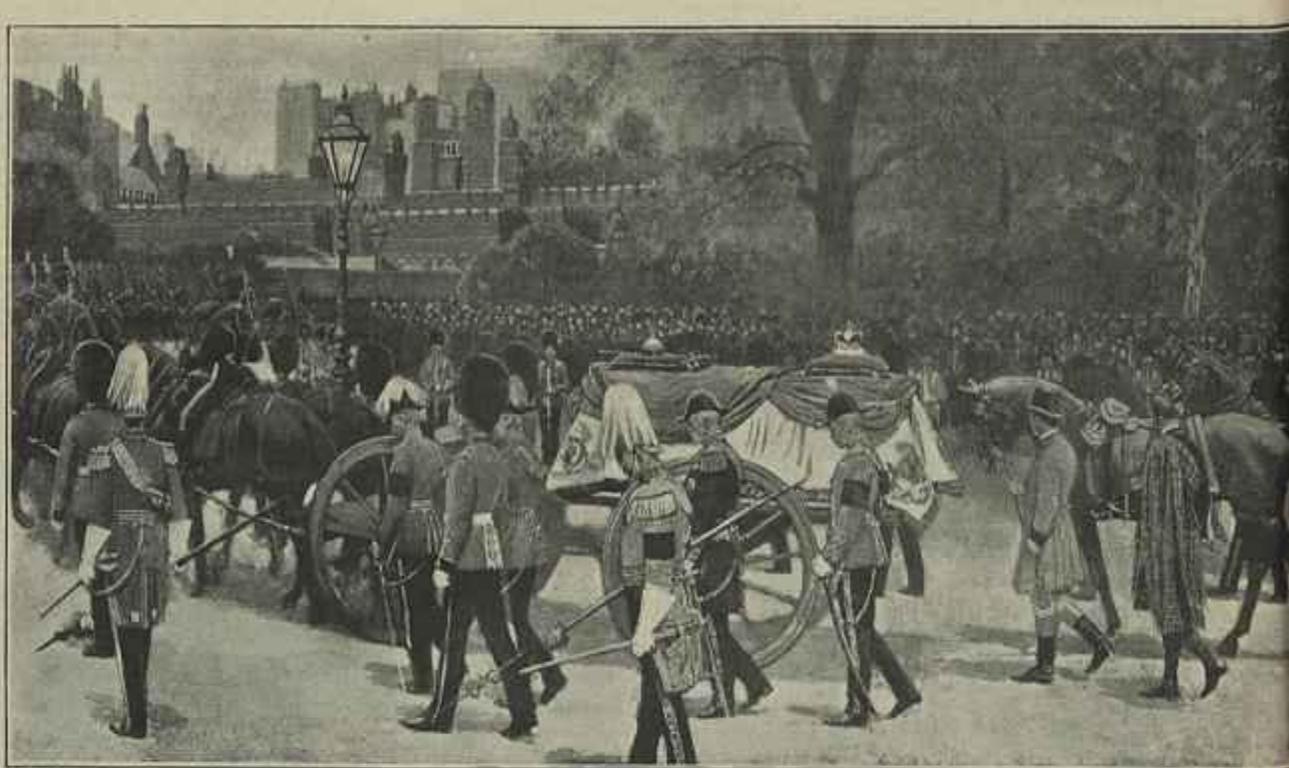
Desejando alcançar algumas notas biographicas de José d'Abreu e Campos, recorreremos ao dicionario *Portugal*, mas infelizmente não se encontra lá esse nome, que merecia uma investigação minuciosa sobre a personalidade que representa, tão característica ella é da sua época.

RIBEIRO ARTHUR.

graça se mediante o previdentissimo braço do Todo Poderoso, não occorresse em nosso auxilio a Grã-Bretanha, nossa mui leal e fidelissima aliada, e nos não fizesse amanhecer hum dia alegre, em que restituídos ao nosso antigo e legitimo governo, ouvissemos outra vez em novas, e repetidas acclamações o nome do nosso amabilissimo Principe Regente. E qual seria a nossa sorte, se em meio de tantas afflicções não subissem nossos suspiros ao Céu?

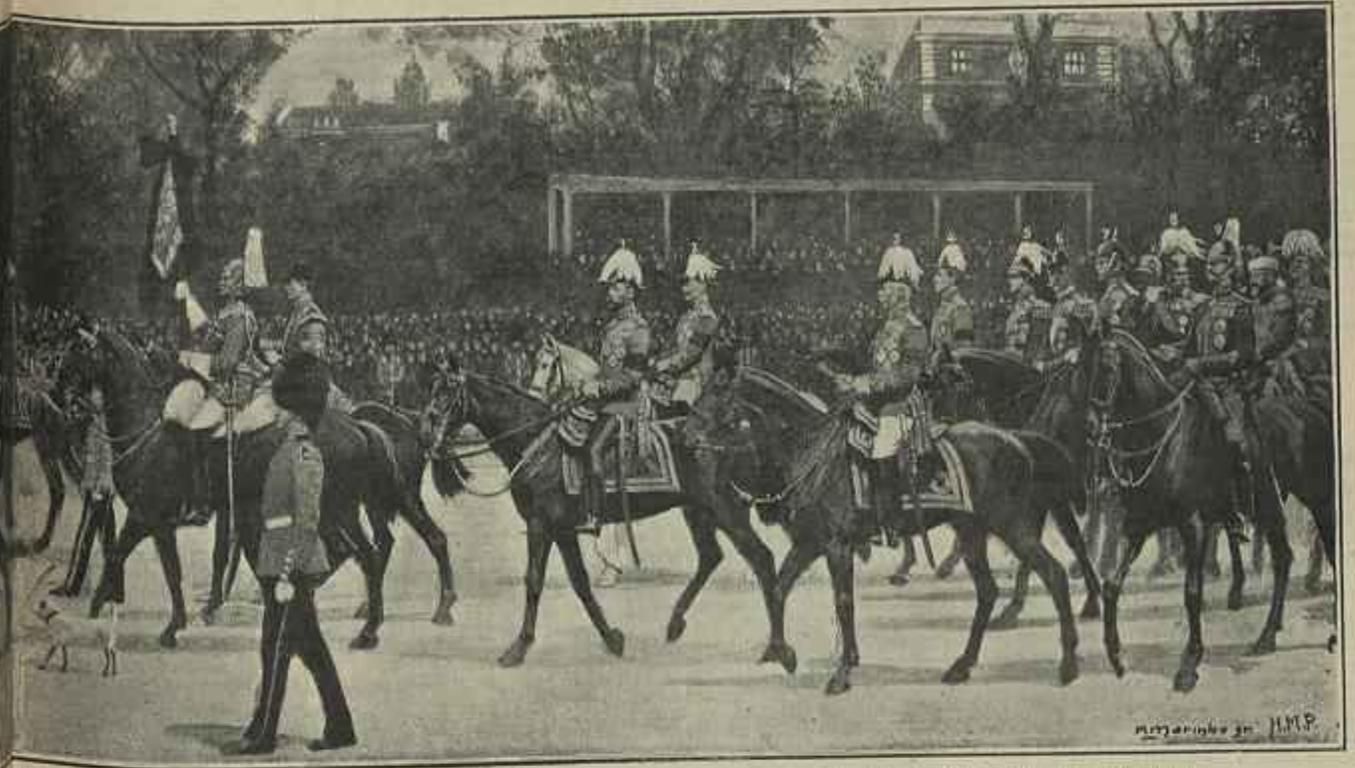
Que estrangeiro cruel seria o tyranno que se destinava para vir atrevidamente dominar bens, e vidas innocentes de tantos miseraveis Cidadãos? Ah! que nem eu quero agora internecer-me com tantas desventuras, que só meditações enchem de horror. Eis aqui, Senhor, de que V. M. nos perdia salvar: eis os males gravissimos e funestos de que nos queria livrar contrapondo a malicia e a calumnia em conjuncção tão perigosa e arriscada, sem receio nem sobresalto hum voto de heroica fidelidade, de magnanima constancia e de fino zelo, bem proprio de dos nossos antigos por isto tão louvados e mais digno por certo de se perpetuar em nosso perenne reconhecimento. Eis os sentimentos nobres, que só cabem

OS FUNERAES DE EDUARDO VII



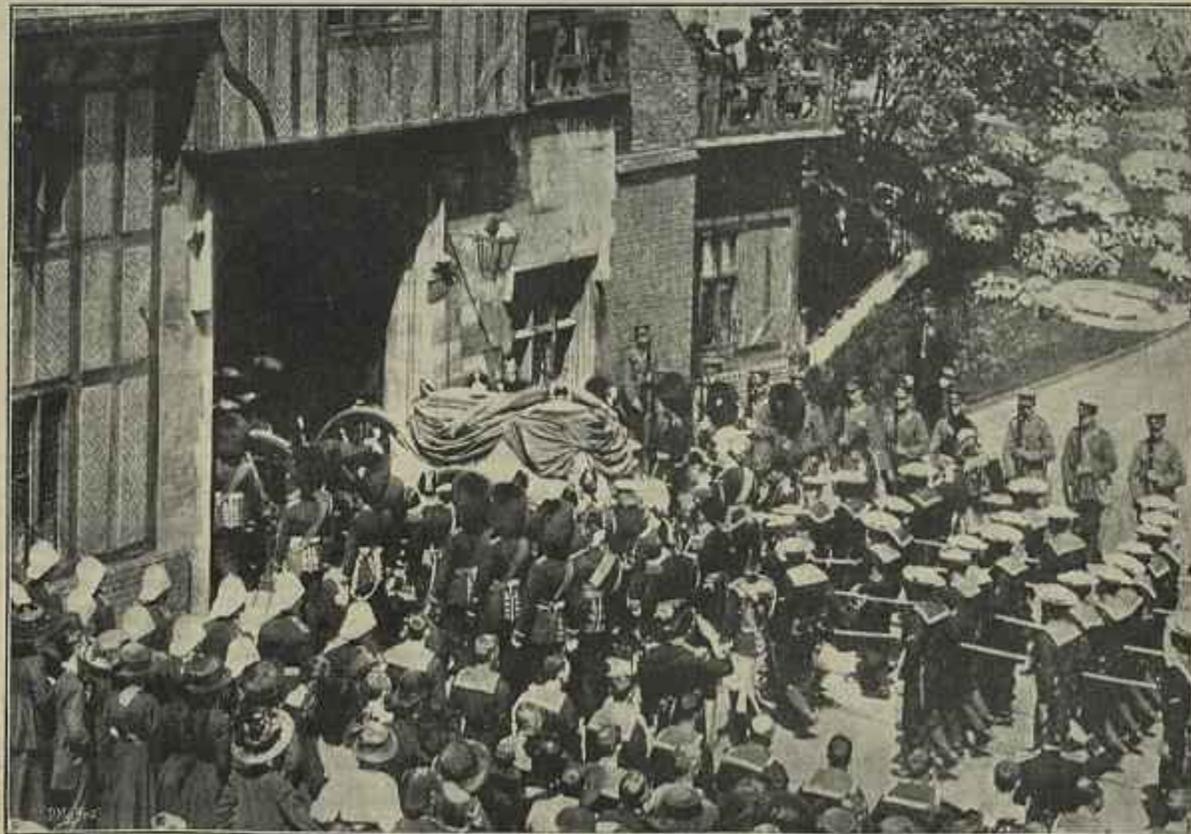
O Feretro conduzido em uma carreta de artilharia

O cavalo de estado e o cão favorito da Rainha
PASSAGEM DO CORTEJO FUNEBRE EM MARLBOROUGH



O estandarte real conduzido por um oficial de cavalaria
MARLBOROUGH, EM FRENTE DO PALACIO DE S. JAYME

1 Rei Jorge V — 2 Imperador Guilherme II — 3 Duque de Connaught — 4 Rei Afonso XIII, de Espanha — 5 Rei D. Manuel II, de Portugal — 6 Rei Jorge I, da Grécia — 7 Rei Haakon VII, da Noruega — 8 Rei da Bulgária — 9 Rei Alberto I, da Bélgica



ENTRADA DO FERETRO, CONDUZIDO POR MARINHEIROS, NO CASTELLO DE WINDSOR



OS ULTIMOS OFICIOS NA CAPELA DE S. JORGE, DE WINDSOR

(De Sydney)

n'hum coração Portuguez: eis as vozes de amor e lealdade, pelo bem da Nação, pela gloria da Patria, e pela honra, e em defensão do inviolavel, puro e sagrado juramento ao nosso legitimo soberano, e unico, a quem devemos tributar nossas adorações. Eis o testemunho perduravel do seu maior elogio, se me fosse agora permitido fazello: eis o troféo preclaro, que V. M. arvora não só no meio de todo o Povo desta Capital, de quem he Protector e Representante, mas no meio de toda a Nação para com os presentes, e para com os vindouros, que todos ouvirão seu nome com admiração e com inveja. E poderia eu suffocar estes sentimentos em o meu coração sem os manifestar por minhas vozes?

Não, Senhor, não he isto possível, nem tão pouco he devido, porque a ingratitude é o mais feio de todos os vícios; e já que de outra maneira me não he permitido, digno-se V. M., que eu o faça, dando a lér neste papel o documento mui verdadeiro e irrefragavel do que digo, e o testemunho mais qualificado para a nossa gratidão.

Obsequioso, venerador
e menor creado de V. M.

Estevão José Rodrigues da Silva.

Parecer do muito honrado Juiz do Povo na occasião da violenta supplica dos Representantes da Nação para hum novo Rei

Senhores. A causa porque nos ajuntamos nesta assembléa, he para o fim de tratar o negocio mais importante da nossa Nação. Este negocio, que he o de pedir hum Rei, ou hum Suprema Autoridade que nos governe, pede, antes, que votemos a nossa seria reflexão sobre os seguintes Pontos, hum vez que as nossas deliberações pôdem prejudicar direitos adquiridos de Partes ausentes, e não ouvidas: pôdem prejudicar a nossa posteridade e offender a religião dos nossos Juramentos, ainda não dissolutos, e tentar a Deus, Supremo Arbitro do Universo, fonte das legitimas autoridades que regem o Genero Humano. I Ponto — Se este Reino está vago, e recaiho na Nação o direito de eleger Rei ou de o pedir. II Ponto — Se nesta assembléa reside Authoridade, segundo a nossa Constituição, de usar destes direitos. III Ponto — Se os nossos Juramentos de fidelidade e homenagem estão dissolutos, e se agrada a Deus a nossa tentativa. Estes Pontos preliminares, devem ser discutidos, para que no futuro se não note o termos procedido em negocio tão importante com ligeireza e falta de reflexão. Longe de nós o terror panico, e a pôdre adulação que não devem influir em hum acto tão serio e deliberativo, que deve ser regido pela razão e não por apprehensões improprias do homem racional e politico. O grande Imperador, tendonos declarado que neste reino não houve da sua parte conquista, mas sim hum piedosa protecção, nos dá a liberdade para deliberarmos com justiça e honra, nem de outra maneira nos deveriamos congregar para hum deliberação séria, e de tanto peso. Se, com effeito, temos direito de eleger governo, deve a nossa eleição ser livre. Se, para a pedir, devemos saber se estamos nessas circumstancias e a quem o devemos pedir, e por que modo. Sobre todos estes Pontos capitaes he o meu sentimento o que passo a expôr, tomando por guia a verdade e a justiça. Este Reino não está vago de direito, mas sim de facto.

(Continúa).

O IDEAL E A SOLIDARIEDADE HUMANA

Tal é o titulo de um folheto de 48 paginas de texto, em que se acham insertas uma conferencia realisada no Centro Antonio José de Almeida, por Fernão Botto Machado sobre a — *Obra Maternal* — e a proposta pelo mesmo apresentada perante as Juntas de parochia de Lisboa, reunidas por convite da da Ajuda.

O folheto acaba de ser dado á estampa na typographia Bayarde, d'esta cidade, e a alludida conferencia e proposta fóram occorrentes no anno preterito.

Do assumpto d'aquella caminhou directamente o distincto conferente para a proposta que o honra e que se synthetisa nas suas conclusões, assim concebidas:

«1.º — Formar uma grande associação de socorros, denominada *A Casa e o Pão dos Pobres*, que terá os seguintes fins:

a) Fornecer casa, pão e vestuario a todos os seus parochianos reconhecidamente pobres e incapazes de os adquirirem;

b) Distribuirem diariamente um pão, por pessoa, a cada familia, cujo chefe, sem trabalho ou doente, esteja impossibilitado de occorrer á propria subsistencia e á dos seus, podendo a distribuição continuar durante o periodo da convalescença e no caso de morte d'aquelle, e podendo igualmente, sob reclamação, ser o pão, no todo ou em parte, substituido por uma porção de leite ou carne, equivalente em preço;

c) Fornecer banhos, no tempo proprio, e a exemplo do que já fizeram no anno corrente, ás creanças pobres que d'esses banhos careçam;

d) Fornecer livros de estudo a estudantes nas mesmas condições de pobreza;

e) Criar, quando possível, escolas de instrucção e educação intellectual, moral e profissional, numa colônia agricola á semelhança da *Ruche de Sebastião Faure*, e, até lá, promover a instrucção e a regeneração moral dos infelizes a seu cargo por meio de leituras, palestras e conferencias de caracter exclusivamente educativo, scientifico e moral;

f) Criar, dentro da mesma associação, duas commissões: uma de senhoras, que se incumbam de visitar, nos hospitaes e no Aljube, quer as doentes, quer as presas sem familia, para lhes assegurarem a solidariedade da Associação quando sahirem desses estabelecimentos, e lhes darem a certeza de que não são sós no mundo, que alguém se interessa, sente e soffre por ellas e com ellas; e uma outra commissão, de homens, que terá a seu cargo a defeza dos injustamente perseguidos pela acção official, e do mesmo modo, e com os mesmos fins d'aquella outra, incumbidos de visitar os doentes e encarcerados do sexo masculino, sendo por egual fins de ambas darem aos seus visitados a certeza de que terão casa e pão á sahida dos hospitaes ou prisões, se não tiverem meios de por si os conseguirem.»

Semelhante proposta foi adoptada por todas as indicadas juntas parochiaes, que perfilharam e resolveram, na integra, as conclusões transcritas.

E', na realidade, um ideal grandioso e nobre aquelle, que assim converteu Fernão Botto Machado em verdadeiro apostolo do bem, praticamente possível.

Ha, ainda poucos dias, li, por indicação do meu particular e illustrado amigo, Antonio Pombo de Mello Archer, um volume, *Scienciocracia (Socialismo Pratico)*, de que é auctor o engenheiro Pedro Romano Folque, onde se preconisa uma outra instituição, não antagonica nem de difficil consonancia com a de Botto Machado que, em alliança com *A casa e o Pão dos Pobres*, cada uma de per si e ambas em intimo accôrdo, resolveriam definitivamente o problema da miseria e ao mesmo tempo a situação politico-social, refiro-me a *O Instituto do Trabalho*, para cuja vida e manutenção o citado engenheiro descortinou cento e tantas fontes de receita, de cobrança facil, por elle descriptas em exposição clarissima em um dos capitulos mais empolgantes do mesmo volume.

Desgraçadamente n'este paiz de clima balsamico e de solo privilegiado, onde não devia já existir um unico analphabeto, mas onde se consomem quatro sessões consecutivas da camara dos deputados a proposito de um conflicto de tres padres em que a lei não foi respeitada por fim, n'este paiz que serviu brilhantemente a causa da Civilização e que ficou assignalado sem favôr nas pagmas immorredoiras da Historia, n'este paiz, desgraçadamente, só vingam artimanhas hypocritas e, em regra, sóbem, medram apenas os mentecaptos de espirito e de consciencia!

Por isso, *A casa e o Pão dos Pobres*, bem como *O Instituto do Trabalho*, permanecerão talvez, uma, periclitante e o outro em livro pouco lido, o que não admira, visto a orientação das dirigencias que, na maioria e em toda a linha, se contentam com ridicularias ostentosas, apparencias que não illudem mas são aguentadas por força, rhetoricas ludibriantes, etc., etc., etc.

Entretanto, afigura-se-me util a divulgacão em folheto da proposta de Fernão Botto Machado, e, mais util ainda se me afiguraria, se se espalhasse amplissimamente por toda a terra portugueza, sem preço algum, os seus respectivos exemplares.

Uma vez que toquei n'este ponto, permita-se-me um parenthesis: eu comprehendo a venda de objectos de commercio, taes como roupas, ma-

deiras, farinhas, instrumentos de musica, livros mesmo; não comprehendo a venda de qualquer cousa de fins, de intuitos, de origem, de propaganda, de iniciativa generosa e edificante!

Em taes condições, os elementos brigam e envolvem flagrante contradicção.

Apostolisar o bem é communicar-o sem pensamento extranho ao seu motivo justificado e justificativo.

Palavras, o vento as leva; obras, palpam-se, não se confundem nem são susceptiveis de ser sophismadas.

Creio que em todas as linguas e em todos os dialectos, este assérto haja de ser uma verdade incontestavel; e, se assim não é, então, estarei em erro, do que, todavia, não peço nem pedirei que me absolvam.

Cumpra-me, porém, esclarecer, n'esta altura, que não suppõho na pessoa de Fernão Botto Machado, no cerebro forte do qual se gerou tão sympathica ideia, a mesquinhez de expôr á venda por um tostão a sua bella proposta, precedida da conferencia mencionada.

Resumindo: felicito o conferente-proponente, a quem só conheço de nome e de trabalhos impressos, que provam talento e erudição, cabendo-me agradecer-lhe pelo OCCIDENTE a dedicatória com que acompanhou a offerta do folheto.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1131)

Durante algum tempo permaneci estacado no meio da casa, na incerteza do que havia de fazer.

Por fim enfiei a cabeça pelo primeiro reposteiro; decidido a arrostar com o que apparecesse, mas retirei-a immediatamente.

Homens quasi nus, estavam agrupados em frente da porta de uma grande fornalha, por onde a cór rubra das labaredas se reflectiam nas paredes da casa e davam aquellas figuras o aspecto de demonios.

O que era aquella fornalha e para que tinha sido construida, em breve percebi, porque vi um dos homens dar uma ordem qualquer e d'alí a poucos momentos começou a funcionar uma machina de vapor, sentindo-se o zumbido dos ventiladores e o ruido d'uma bomba de aspersion, que parecia absorver com violencia o ar exterior, isto é, da superficie do mar.

Nenhum d'aquelles homens deu pela minha presença, tão rapido tinha sido o movimento que fizera e o cuidado como deixara cair novamente o reposteiro.

Atravessei em pontas de pés o aposento e fui dar a outra porta que ainda não tinha observado.

Era uma grande abertura feita na rocha e que dava para uma escadaria illuminada tambem por duas lampadas.

Quiz-me parecer que aquella escada iria ter á superficie do mar, e o mais natural era que Edmundo occupasse as habitações mais altas. Por isso não vacilei e subi a escada muito de mansinho para não ser presentido, e em breve me encontrei n'um corredor tão surprehendente que em outra occasião qualquer talvez ficasse uma hora a admiral-o.

Era todo illuminado por uma profusão de lampadas electricas e por grandes candelabros de ferro forjado. A cada passo se viam portas e homens que cruzavam para um e outro lado. Nos differentes compartimentos luxuosamente mobilados, viam-se mesas proprias para jogo, com garrafas e baralhos de cartas por sobre ellas. Homens de todos os paizes, uns encos-

tados às mesas, dormindo, outros discutindo, outros cantando, outros ainda trabalhando na cosinha, davam aquellas casas, uma vida especial.

Alguns d'elles cruzaram-se comigo no corredor mas eu occultava-me nos sitios mais escuros para os deixar passar.

Não os surpreendeu a minha presença ou se os surpreendeu, não fizeram caso. Afinal, eu era um marinheiro como qualquer outro. Porque haviam de fazer caso de mim, quando em casa de Czerny haviam tantos como eu? Conheci que no fim de contas era isto mesmo o que me não tornava notavel.

— Hei de encontrar Czerny — disse comigo. — e resolverei a questão. Quando elle acabar de falar, então começarei eu.

O pensar assim deu-me coragem e segui para diante. Ao fim do corredor encontrei uma porta de ferro, hermeticamente fechada e que me impediu a passagem.

Nem da direita nem da esquerda havia sitio por onde se pudesse passar, ou qualquer maneira de abrir a mesma porta.

Um homem não pode passar através d'uma porta, por maior que seja a sua vontade; e para ali estava eu agora estacado sem saber que fazer.

Resolvera vêr Czerny aquella noite custasse o que custasse, ainda que tivesse de declarar quem eu era. Não me sentia resolvido a bater á porta, e com franqueza, nem em tal pensei, tão preocupado estava com outros projectos.

Assim dava voltas á imaginação, quando vi abrir-se a porta e a francezita Rosamunda apparecer no limiar.

Espantada de me vêr ali (e razão bastante tinha para isso), lançou um grito, e disse:

— Ah, capitão Begg, capitão Begg, que deseja d'esta casa?

— Minha amiguinha, — desejo muitas coisas mas a primeira é saber o que ha por detraz d'esta porta e d'onde vem. Diga, e creia que me faz um grande favor.

Não me respondeu logo, mas fez-me tambem uma pergunta; pergunta de mulher apaixonada.

— E os outros onde estão? Porque vem só? Onde está aquelle rapaz, Mr. . . . Mr. . . .

— Dolly Venn? Está bem, minha amiga e se soubesse d'este feliz encontro, decerto me encarregaria de lhe trazer lembranças suas. Mas se o quer ver, encontrá-o-ha ahi em baixo no subterraneo por baixo da casa das machinas. Mas, diga, qual é o quarto de Mr. Czerny e em breve traremos Dolly Venn, que vem de longe só pelo gosto de a vêr.

Estas amabilidades fizeram effeito no espirito da gentil rapariga, e eu aproveitando a occasião, voltei á carga, dizendo:

— Mr. Czerny vive aqui, naturalmente, e é provavel que se encontre agora nos seus aposentos, não?

Respondeu que sim. Os aposentos eram os que ficavam do outro lado da sala grande onde estavam as portas de ferro; mas assustou-se tanto que eu fosse ter com elle, que se poz a observar se ouvia alguma coisa e bastou-me um pequeno olhar para comprehender os seus receios e vêr que não queria acompanhar-me.

— Onde está o seu velho amigo francez — perguntei. — Em que parte da casa faz elle a sua cama.

Fez-se vermelha como uma papoula ao

ouvir-me e não occultou a anciedade com que estava.

— Oh! Mr. Begg! Clair-de-Lune foi castigado por vos ter ajudado quando ficasteis na ilha. Não lhe permittem que saia do seu quarto. Mr. Czerny está muito zangado com elle e nem o quer ver. Mas como pode pensar em vir aqui? Como pode chegar até esta casa?

— Muito facilmente — volvi em tom alegre — Mas não tema por mim. Eu saberei dar



CASA SUBMARINA, CAP. XV — ... vi passar por uma das portas do fundo, o vulto esbelto de Ruth...

com o caminho, como dei para vir até aqui. Vamos, diga-me porque lado tenho de seguir para o quarto de seu amo e depois deite a correr e va-o dizer a Dolly Venn. Verá como fica contente em a ver.

Esteve alguns minutos pensando sobre o que devia fazer, e por fim disse, como despertando d'um somno.

— Benno Regnarte é o guarda d'esta porta, mas foi cear. Eu tinha-lhe pedido a chave emprestada e por isso passei. Se o senhor entrar não lhe fará nenhuma pergunta. Não sei se o amo está no yacht ou no seu quarto. Não sei. Mas que loucura esta, capitão! São capazes de o não deixar sair d'aqui! . . .

— Isso é signal que lhes agrada a minha companhia. Depois veremos, minha amiga. Faça o que lhe disse. Procure Dolly Venn. . . e deixe cá o resto por minha conta. Nós cá, gente do mar, sabemos sair d'uma rascada são e salvos, melhor do que a gente de terra. Por minha causa não será a duvida, descance.

Estendeu-me a sua pequenina mão que eu apertei docemente.

Rosamunda parecia uma tela de Raphael, de bonita que estava com o seu traje de algodão ás riscas, e a mantilha presa no alto da linda cabeça.

Parecia um tanto receosa, e com razão, mas que lhe havia de fazer?

Não tinha eu de escolher entre o tumulo o Czerny?

Escolhi Czerny.

Rosamunda abriu a porta de ferro para eu poder passar, e sem dizer palavra, transpuz a porta e encontrei-me nos hombraes da morada de Czerny.

A primeira coisa que vi, foi um grande salão parecido com a nave de uma igreja. Em volta corria uma galeria da qual saiam grandes candelabros com lampadas electricas.

Lá ao fundo uma guarnição de talha com embutidos dourados, tendo no centro um orgão, e dos lados, todo em volta, grandes portas de madeira de teca. Havia tambem um grande fogão de marmore lavrado, tal como se vê ainda hoje, n'algumas casas inglezas.

Em volta da cupula d'este immenso salão, viam-se grandes claraboias cujos aros e pinazios eram de cobre polido, fechadas com vidros de crystal d'uma grossura espantosa, e por onde o mar passava com grande estrepido, galopando em ondas de espuma.

Não obstante a profusão de luzes, a claridade tornava-se suave.

O chão, todo coberto de alcatifas caras, fazia um bello conjuncto com o mobiliario, feito de tudo quanto de mais rico se possa imaginar.

O mais curioso d'isto tudo, era pensar-se que todas estas maravilhas se encontravam precisamente mettidas n'um rochedo do Oceano Pacifico. Mas, estavam ali, á minha vista, não tinha que duvidar, pois me chegavam aos ouvidos o estrondo do Oceano e a luz das lampadas illuminava todas estas maravilhas.

Quando porém mais absorto estava contemplando isto, vi passar por uma das portas do fundo, o vulto esbelto de Ruth Bellenden, a mulher, que eu, para salvar, não me importaria ter de afrontar com o mundo inteiro!

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.



Festa escolar no Collegio de Nossa Senhora das Dóres

Sempre nos atrae uma festa escolar, porque sempre esperamos encontrar nella a alegria da mocidade, que rejuvenesce a alma, quando não encontramos tambem o aproveitamento do ensino nas provas que os estudantes apresentam.

Uma e outra coisa encontramos, felizmente, na agradável festa para que fomos amavelmente convidados pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa, que superiormente dirige o Collegio de Nossa Senhora das Dóres, instalado no bello palacio dos srs. viscondes dos Oliveaes, á rua de Buenos Aires, 16.

Este antigo collegio, um dos primeiros de Lisboa, todos os annos, por esta época, realisa a sua festa escolar, com uma exposição nas suas vastas salas de estudo, das obras executadas pelas alumnas, assim como a apresentação das suas provas litterarias e de musica.

Da exposição de obras das alumnas, eloquentes provas do seu aproveitamento, mencionaremos as que mais se distinguiram: Das meninas Candida Larião, *chemin de table* pirogravado e pintado; Ondina Goes, um prato em manjolica; Maria Amelia Ribeiro, uma jarra em manjolica; Ondina Goes, um espelho em nogueira, com applicações em estanho; Maria Thomé, uma mobilia de escriptorio em sola cinzelada e uma mobilia Luis XV pintada; Cristina Pombal, uma mobilia Luis XVI pintada; varios trabalhos de porcelana, en-

Uma Festa Escolar no Colegio de Nossa Senhora das Dôres



AS MENINAS INTERPRETES DA OPERA «GENTIL MIGNON»

tre elles um relógio de Ofelia de Carvalho, chavenas de Odina Goes e uma floreira de Annalia Dias; colcha e almofadão em renda inglesa, trabalho primoroso de Ofelia de Carvalho e Ilda de Carvalho; chapéu de sol em renda inglesa, por Maria Gabriela Franco de Castro; em coreoplastia, um espelho, de Candida Larião, e uma pasta, de Armenia Pinto; bordados a branco, de Laide Montenegro, Alexandrina Malta e Anna Malleiros.

Os trabalhos de pintura em porcelana são dirigidos pela professora sr.^a D. Helena Eisenbart; as outras especialidades são executadas sob a direção da sr.^a D. Maria Eufrosia Esteves Costa Moniz Tavares, que, pelo que vimos, possui rara aptidão e competência.

A sessão literaria e musical foi surpreendente, não só pelo grande numero de alumnas que nella tomaram parte, mas ainda pelas magnificas provas de aproveitamento que apresentaram, quer na execução dos diferentes numeros de musica no piano, rebecka e canto, quer na recitação de poesias em português, francês, inglês e alemão, devendo especialisar-se a prefeita pronuncia das tres linguas estrangeiras.

Nesta interessante sessão foi executada pelas educandas uma delicada operinha, *Gentil Mignon*, de M.^{me} Jane Bensaud, muito apropriada ás jovens interpretes, as meninas Gabriella Franco de Castro, Eulalia Pereira, Palmira Gonçalves, Palmira Pinto Coelho, Armenia de Moraes Pinto, que desempenharam os principaes papeis, e as meninas que fizeram *Les nains*: Maria Adelaide Moniz Tavares, Albina Bettencourt, Alda Cardozo, Laura Diogo, Antonietta Radaelli, Luisa Brito, Isabel Diogo, Ondina Mattos, Elvira Barbosa, Virginia Ribeiro, Clotilde Barreto, Francisca Cotrin de Brito, Maria Augusta de Brito, Julietta Cotrin de Brito, Maria Augusta d'Almeida, Maria Antonia d'Azevedo, Helena Henderson e Alda Valle; *Chasseurs*: Gertrudes Costa, Maria Amelia Diogo, Iracema Andrade, Rosa Frade d'Almeida, Maria Luisa Lisboa, Peregrina Montenegro, Maria Theresza Fonseca e Palmira Pinto Coelho.

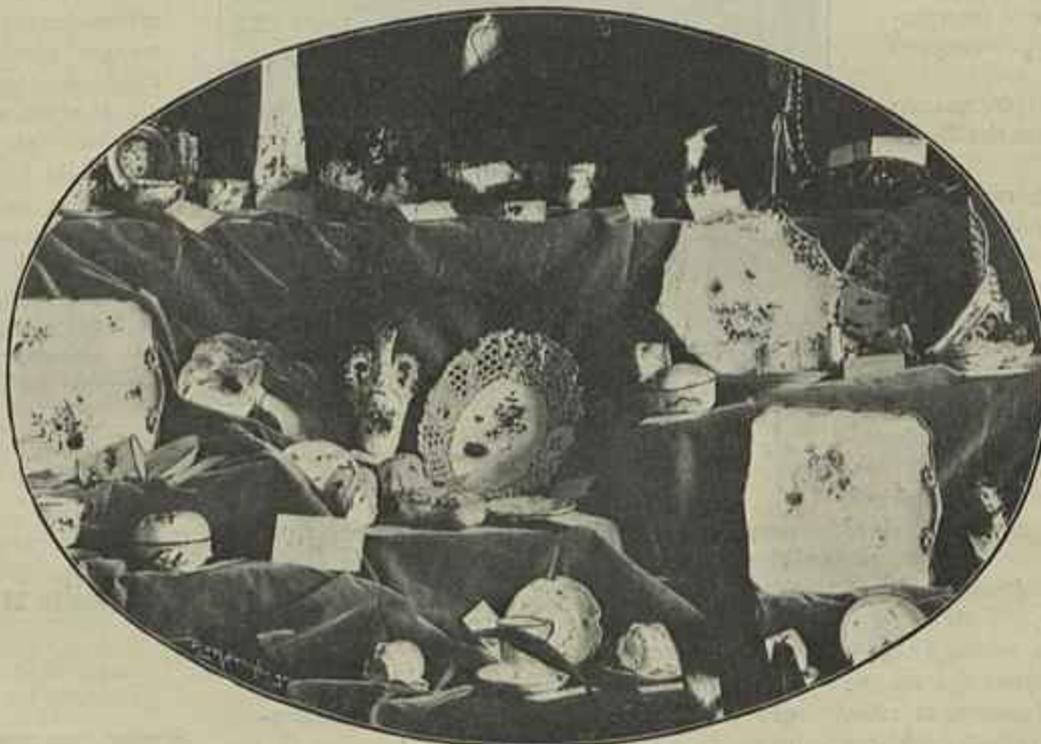
Foi um dos numeros mais interessantes do programa, pela gracilidade com que as meninas o executaram.

Uma festa encantadora com que a sr.^a D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa, proficiente directora e proprietaria deste collegio, celebrou os progressos escolares das suas numerosas alumnas, e recebeu gentilmente os seus con-



AS CAÇADORAS DA OPERA «GENTIL MIGNON»

vidados, havendo no fim um delicado copo de agua, o que deu logar a varios brindes, felicitando a digna directora do collegio e seu esposo, assim como os professores, que tem concorrido para os progressos desta boa casa de educação.



EXPOSIÇÃO DE LAVOURES — PROVAS ESCOLARES DAS ALUNAS

PUBLICAÇÕES

Ode a Herculano, por Freitas Guimarães, da Academia Paulista de Letras. São Paulo, 1910. Esta Ode foi escrita para ser lida na sessão magna comemorativa do 1.^o centenario de Alexandre Herculano, realisada no salão nobre da Faculdade de Direito de S. Paulo, no dia 28 de abril de 1910.

Em inspirados versos o autor refere n'esta Ode os principaes factos da vida de Herculano.

Catalogo da Biblioteca Publica Municipal do Porto, Nova serie, tomo I. Um volume de 884 paginas, contendo, entre outras obras, as aquisições feitas desde 1898 a 1908. Elaborado sob um novo plano do conservador desta biblioteca sr. João Grave e pelos amanuenses srs. J. G. de Sousa e J. R. Cabral.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^{ia}

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Carvès — Grand Montrouge (Seine) France.

Novidade litteraria:

CONTOS E DIGRESSÕES

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de Antonio Ramalho e Caetano Alberto, contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas.

Cartonagem em relevo, ouro e côres, completa novidade

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Preço Novo — LISBOA